

AGNES: O CORPO FEITO IMAGEM

"E o verbo se fez carne, e habitou entre
nós"...

(João cap. 1 v. 14)

O poema "Das esposas"¹, de Sônia Queiroz, através do texto histórico permeado pelos discursos lendário e literário, faz uma leitura do lugar ocupado pela mulher na sociedade mineira, o que não o impede de alargar-se para outros espaços e outras épocas.

Numa aparente oposição inicial, o poema coloca de um lado Inês de Castro, personagem da história portuguesa, muito cantada, inclusive por Camões, de quem é tomado emprestado um verso que é intencionalmente fragmentado; e do outro, a mulher mineira. Inês, "posta em sossego", sofre a ação, e, passiva, é assassinada pelo duplo Poder, do homem e do rei. Ela simboliza a impossibilidade de reação, a ausência de reivindicação. Do lado das Minas Gerais, as mulheres parecem se opor a tal passividade, o que se pode notar pela força de ação encerrada nos verbos: "pegar fogo", "se escaldar", "morder", "matar", "condenar" e "roncar". A mulher parece passar de objeto da ação para sujeito da ação. O código sexual / alimentar intensifica a força de tais verbos. O fogo, imagem de vida, se opõe à frieza encarnada pela Inês morta. Ora como musas inspiradoras, ora como prostitutas elas gritam para se fazerem ou vir.

Mas o espaço mineiro, configurado desde o início do poema, desfaz a aparente oposição. Senão vejamos: a água do São Francisco se opõe ao fogo, o aço das montanhas é frio ao contrário da ação de escaldar, o morder se perde no vazio da fome, morde-se para aplacar a fome e só se consegue acentuá-la; o roncar está em segredo. Em seguida, as imagens espaciais se intensificam e, através da transição do nome Mariana, de cidade e de mulher, o espaço se fecha e se configura a verdadeira situação da mulher mineira: "ah, esses currais de El Rei". Aqui a palavra curral, do nome da cidade, acentua a idéia de cerco, de fechamento, de repressão de El Rei, o homem e o rei, que prende as mulheres para tê-las à sua

disposição. É interessante ressaltar o índice sexual na carga semântica e etimológica da palavra curral. A situação colônia/metrópole simboliza, então, a relação mulher/homem. O rebanho é adormecido, amortecido e amordaçado, já não se ronca, já não se escaldada, já não se morde. Desaparece assim a possível oposição sugerida no início: também às mulheres de Minas se tenta impor o sossego.

Nessa altura do poema, inicia-se outro estágio - as frases no minais não traduzem mais apenas a passividade da mulher, mas a substituição do corpo vivo pela imagem. A fêmea carne de Minas se faz "moldura", "fotografia", "monograma", "tarja negra". São estes símbolos, marcas da reificação, da total impossibilidade de reação, de mudança. As metonímias/metáforas retratam o lugar ocupado pela mulher, o lugar de esposa. O lar ocupa o lugar do curral e camufla as relações aí subjacentes. O lar é o curral sancionado e almejado.

Outra vez o código sexual/alimentar - tempero, fruta, lençol, cheiro/vinho - usado agora para falar da função feminina, a de alimentar, de servir o marido. Observemos que todos os sentidos estão aí configurados, com exceção da audição. A mulher é vista, é degustada, é cheirada, é sentida através do tato para o prazer do homem, mas não é ouvida. O "riso meigo na poltrona" ou a mão de fada ou de veludo, na costura ou no leito, explicitam a idéia de paz e silêncio, enquanto reiteram o ato de servir, que culmina na imagem de rainha "no domínio dos maridos", ou santa "no domingo dos maridos". Ela é, pois, o cordeiro idolatrado/imolado, imagem ricamente vestida de ouro e sedas, cultuada e rezada, mas imagem, a pérola resguardada no interior da ostra. É assim que a mulher mineira e Inês se fundem numa mesma metáfora, num mesmo nome, Agnes, o cordeiro imolado.

A mulher mineira, clamando por liberdade, agredindo a sociedade, como Beja, Xica e Joaquina, ou sendo obrigada a calar como Marília e Bárbara Bela, submete-se sempre ao poder maior, o poder do homem/rei, como Inês. São todas cantadas/caladas na voz dos homens. Elas não têm voz, a voz dos homens é que as canta para fazê-las calar. São imagens, nos poemas, nos romances, nos lares, nos álbuns de fotografia, nos monogramas, no luto, no elogio das habilidades culinárias, de costura ou de sexo. São o cordeiro sacrificado e em seguida cultuado, para que o sacrifício seja aceito e até desejado.

O poema se configura, pois, como uma leitura crítica de um espaço e de uma época que, até então, não tem limites. Mas, é assim que ele se transforma em gemido, em choro - uma forma de reação, uma forma de gozo. A palavra-imagem se faz voz, a carne se faz verbo e, onde tudo parecia morto, surge a vida, resgatando a fala soterrada da "fêmea carne de Minas".

-
1. QUEIROZ, Sônia. *O sacro ofício*. Belo Horizonte, Comunicação, 1980. p. 25. Este poema encontra-se reproduzido, junto a outros da autora, na seção de poemas desta revista, à p^ágina 226.